

16

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

JUN 2022

ISSN: 2183-0924

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

16

JUNHO

2022

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Junho de 2022**

Volume: **16**

Capa: Placa de xisto decorada da Anta 1 de Vale da Moura
(Foto de António Carlos Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

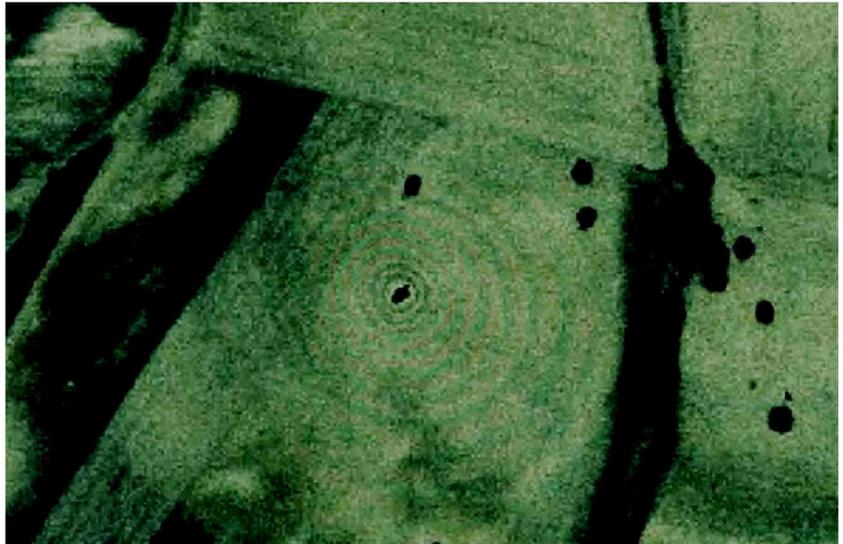
Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07	Inês Mendes da Silva BOA VISTA 5 E AS COMPANHIAS PARA O COMÉRCIO DO BRASIL. 1490-1720.	41
Tiago do Perreiro, António Carlos Valera PLACAS DE XISTO E BÁCULO DA ANTA 1 DE VALE DE MOURA (ÉVORA). BREVE APONTAMENTO	09	Ana Rosa, Inês Simão A ANTIGA FÁBRICA NAPOLITANA, ALCÂNTARA. UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA SOBRE A CASA DAS CALDEIRAS	49
António Carlos Valera, Tiago do Pereiro ROUCA 7 (CANO, SOUSEL): GEOFÍSICA DE UM NOVO RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO	15	Ana Catarina Basílio, André Texugo, Tiago do Pereiro ARQUEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ADOÇÃO DO SENSOR LIDAR DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA	57
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio, Alessio Gorga, Nelson Almeida, Juliana Ferraz O GRANDE COMPLEXO DE RECINTOS DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO DO MONTE DA CONTENDA (ARRONCHES): ABORDAGEM A PARTIR DE DISTRIBUIÇÕES DE SUPERFÍCIE	21	Ana Costa Pereira, Tomás Pereira Botelho DESCONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA: TEMPO, AGÊNCIA E MEDIAÇÃO	69
Patrícia Diogo Monteiro, Artur Ribeiro, António Carlos Valera WOODLAND RESOURCES IN PERDIGÕES: ANTHRACOLOGICAL ANALYSIS OF CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE CONTEXTS	33		



EDITORIAL

25 anos de ERA Arqueologia

A ERA Arqueologia faz este ano 25 anos. Ao longo deste quarto de século de existência o seu compromisso com a divulgação e publicação dos seus trabalhos e do conhecimento produzido traduziu-se numa intensa actividade editorial, na participação em inúmeras reuniões científicas nacionais e internacionais ou publicação regular de artigos em actas e revistas de especialidade. De entre todas estas realizações ganha particular relevo o esforço dedicado à actividade editorial, porque é diferenciador, representa a forma como a empresa pensa e vê a sua actividade e é demonstrativo desse mesmo compromisso.

De facto, tendo a ERA surgido em 1997, o primeiro número da revista em papel ERA Arqueologia, foi publicado em 2000. Até 2008 foram sucessivamente editados oito volumes, nos quais se publicaram trabalhos da empresa, artigos de investigação e teoria, se discutiram questões da organização da arqueologia e da profissão (Ensino, Divulgação, Ordem dos Arqueólogos, Cadernos de Encargos, etc.). Seguiu-se a revista online Apontamentos de Arqueologia e Património, que publica agora o seu 16º volume. A par, criaram-se as séries ERA Monográfica, já com seis volumes editados, e Perdigões Monográfica, com dois volumes publicados, às quais se soma a publicação das actas de um workshop.

Para utilizar uma expressão em voga: conhecer, debater, divulgar e comunicar fazem parte do “nosso ADN”

António Carlos Valera

PLACAS DE XISTO E BÁCULO DA ANTA 1 DE VALE DE MOURA (ÉVORA). BREVE APONTAMENTO.

Tiago do Pereiro¹
António Carlos Valera²

Resumo:

Durante o ano de 2021 a ERA Arqueologia S.A. desenvolveu trabalhos de escavação arqueológica, geofísica e conservação e restauro na Anta 1 de Vale de Moura, concelho de Évora. Nestes trabalhos, realizados na sequência da destruição deste monumento megalítico no âmbito de um projecto de reconversão agrícola, foi recuperado um conjunto de materiais arqueológicos no qual se destacam duas placas de xisto decoradas e um fragmento de báculo de xisto igualmente decorado. Neste texto apresenta-se a descrição destas peças e a sua breve contextualização nas produções simbólicas desta natureza no interior alentejano.

Abstract:

Schist plaques and staff from Anta 1 de Vale de Moura (Évora)

During 2021, ERA Arqueologia S.A. carried out archaeological excavations, geophysical and conservation and restoration works in the Anta 1 of Vale de Moura, Évora municipality. In these works, carried out following the destruction of this megalithic monument in the context of an agricultural reconversion project, a set of archaeological materials was recovered, in which two decorated schist plaques and a fragment of an equally decorated schist staff stand out. This text presents the description of these pieces and their brief contextualization in symbolic productions of this nature in the interior of Alentejo.

1. Introdução.

Durante o ano de 2021 a ERA Arqueologia desenvolveu trabalhos de escavação, geofísica e conservação e restauro na Anta 1 de Vale Moura (Évora). A anta localiza-se na herdade do mesmo nome, situada cerca de 5 km a sul da cidade de Évora e em frente ao aeródromo local. Nesta herdade estão referenciados vários monumentos megalíticos, tendo a Anta 1 as seguintes coordenadas: lat. 38.527992, long. -7.858270, a uma altitude de 250m. Está situada numa elevação muito suave, a qual se integra numa superfície aplanada e ligeiramente ondulada, que caracteriza a peneplanície das imediações de Évora.

Os trabalhos decorreram no âmbito da aplicação de um conjunto de medidas impostas pela tutela do património na sequência de uma afectação da estrutura da anta durante o processo de reconversão agrícola a que a herdade foi submetida. Durante a preparação dos terrenos, os esteios da câmara foram arrancados e, posteriormente à detecção do ocorrido, foram novamente recolocados. Nessa tentativa de “reconstrução”, foram implantados de forma deslocada relativamente à sua posição original, formando uma espécie de rectângulo que abrangia a metade traseira da câmara, que se prolongava para além dela e onde os esteios foram colocados numa sequência e com orientações diferentes das originais (Figuras 2 e 3).

Durante a escavação foi possível perceber que todos os contextos da câmara estavam revolidos e afectados por meios mecânicos, preservando-se apenas os alvéolos dos esteios e alguns dos seus calços, mas que em parte do corredor se preservavam ainda alguns contextos, assim como algumas partes do *tumulus*.

¹ Era Arqueologia (tiagodopereiro@era-arqueologia.pt);

² Era Arqueologia / ICArEHB-U.Algarve (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Apesar da significativa afectação do monumento, foi possível recolher um conjunto variado de materiais arqueológicos, entre os quais se encontram alguns fragmentos de placas de xisto e um fragmento de um báculo igualmente em xisto, os quais constituem objecto deste texto.

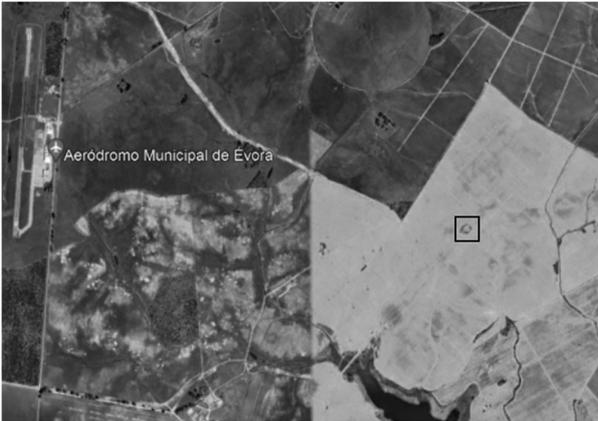


Figura 1 – Localização da Anta 1 de Vale de Moura numa imagem aérea do Google Earth de 2022.



Figura 2 – Vista aérea do final da escavação, com identificação de “alvéolos” abertos mecanicamente na zona da câmara e de valas e ripagens contemporâneas.

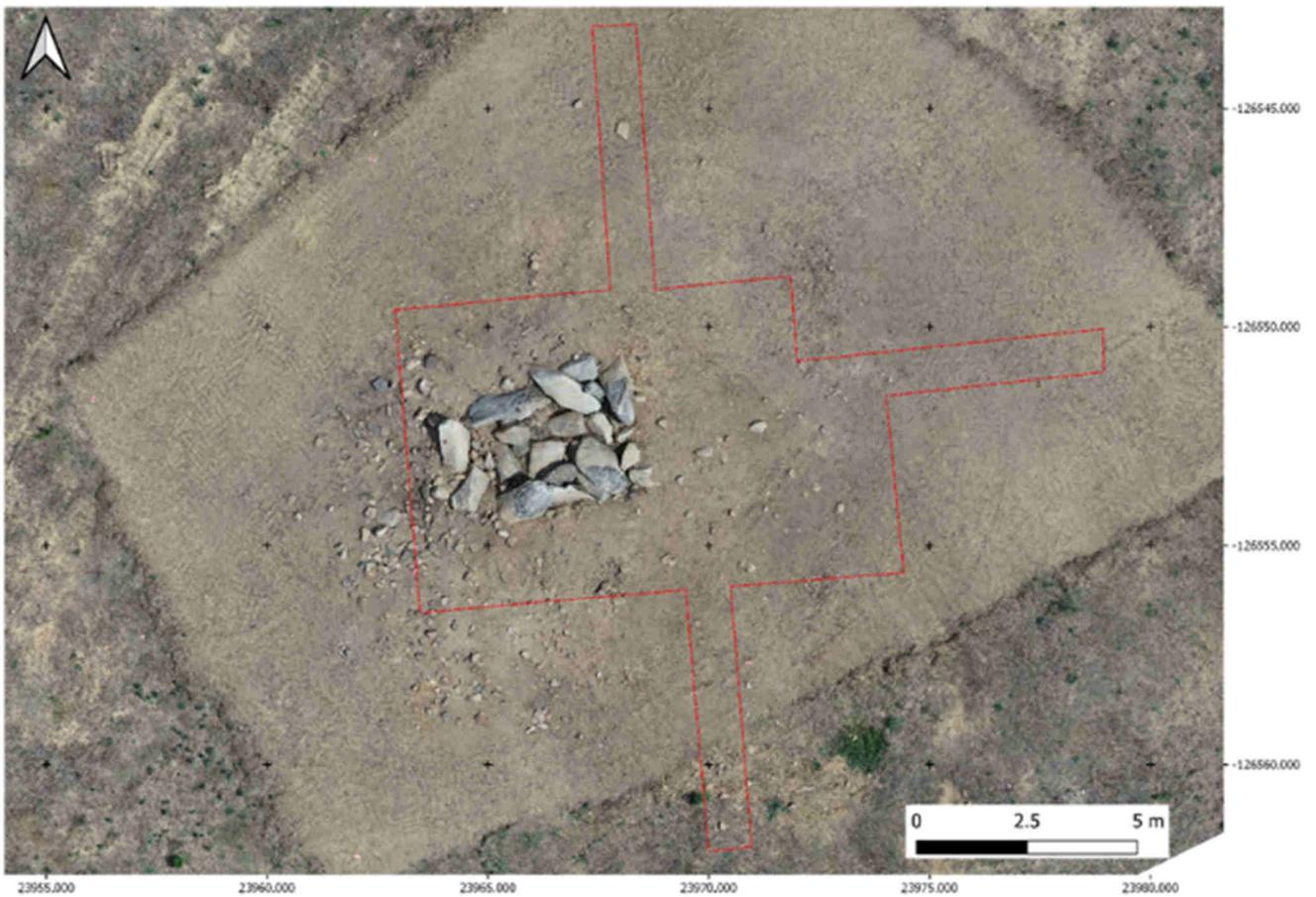


Figura 3 – Vista aérea do resultado da “recolocação” mecânica dos esteios da câmara após a destruição do monumento e anterior à intervenção arqueológica.

2. Os fragmentos de placas de xisto

Na zona da câmara foram recolhidos 12 fragmentos de uma placa de xisto, 11 dos quais remontaram entre si, permitindo reconstituir a morfologia da placa e a sua organização decorativa (Figura 4).

Esta apresenta uma morfologia trapezoidal de cantos arredondados, com “corpo” (cerca de $\frac{3}{4}$ da peça) separado da “cabeça” apenas por uma fina linha. A “cabeça”, apesar das partes em falta, não mostra qualquer evidência de ter tido perfuração de suspensão. Apresenta um trapézio invertido ao centro ladeado por bandas diagonais preenchidas por recticulado, seis do lado direito e cinco do lado esquerdo. No topo apresenta pelo menos três pequenas faixas verticais igualmente preenchidas por recticulado, formando uma espécie de “franja”.

O corpo apresenta uma decoração à base de bandas horizontais em zigzague preenchidas com recticulado, cortadas nos ângulos por traços verticais (linhas guia?). Em vários pontos da peça as bandas entre os traços verticais apresentam-se desencontradas.

Os fragmentos foram todos recolhidos em contextos de revolvimento provocado pela acção mecânica aquando da remoção dos esteios e da tentativa do seu reposicionamento.



Figura 4 – Placa de xisto com 11 fragmentos remontados e que se encontravam dispersos pela câmara do monumento, em contextos revolvidos.

Figura 5 – Fragmento de placa de xisto recolhida na zona do corredor.



A segunda placa (Figura 5) apresenta a “cabeça” recortada, com um formato trapezoidal invertido (estando o canto superior esquerdo fracturado), ombros bem demarcados em forma de triângulo e um corpo de tendência subrectangular (com a metade inferior ausente).

A cabeça apresenta no topo dois furos de suspensão e ao centro uma decoração formada por dois círculos preenchidos por recticulado (olhos) e entre eles um triângulo invertido igualmente preenchido por recticulado (nariz ou bico).

Os ombros encontram-se decorados, cada um com um triângulo invertido preenchido por recticulado, enquanto a parte conservada do corpo apresenta uma banda horizontal de triângulos invertidos preenchidos por recticulado delimitados por duas linhas horizontais e o arranque de uma segunda banda que parece ser semelhante.

No reverso observam-se inúmeros riscos finos e um traço horizontal mais profundo na cabeça, e que poderão relacionar-se com as circunstâncias de produção e uso da peça. Já a zona do corpo apresenta uma banda rectangular que, no interior, tem dois triângulos não preenchidos, podendo iniciar-se uma segunda junto à fractura (o que, contudo, não é seguro).

Os fragmentos desta placa foram recolhidos no contacto do corredor ortostático com a sua extensão intratumular, num contexto preservado entre pedras de um pequeno alvéolo do lado direito

Para além destas duas placas foram ainda recolhidos dois fragmentos de xisto muito pequenos, não decorados, mas em que um deles apresenta parte de uma pequena perfuração.

3. O fragmento de báculo

O pequeno fragmento de báculo (Figura 6), foi recolhido integrado num empedrado do átrio fronteiro à entrada do monumento e constituído por pequenas pedras. Este empedrado sofreu afectações provocadas por surribas, pelo que é possível que o contexto de proveniência desta peça seja secundário, o que a sua condição de fragmento também sugere. O fragmento pertence à curvatura do báculo, apresentando apenas o bordo externo conservado. Tem duas bandas longitudinais preenchidas por recticulado e, ao longo do bordo externo, triângulos preenchidos por recticulado, cujo vértice encosta à banda mais externa.

4. Notas sobre as placas e báculo da Anta 1 de Vale de Moura.

As duas placas de xisto decoradas e o fragmento de báculo integram o relativamente reduzido conjunto de materiais recolhidos durante a intervenção de minimização de impactes realizada pela ERA Arqueologia na Anta 1 de Vale de Moura. De facto, já na intervenção realizada por G. Leisner se referia que a câmara estava toda escavada até à sua base geológica (Leisner, 1949). A escavação agora realizada deparou-se com uma situação mais dramática, com o total revolvimento e afectação mecânica da zona da câmara. Verificou-se

igualmente que grande parte do corredor ortostático se encontrava afectado e que grande parte da mamoa tinha sofrido profundas ripagens e abertura de valas. O conjunto de materiais recolhidos deverá, desta forma, ser considerado como uma muito pequena parte do que teria sido depositado neste contexto funerário ao longo da sua utilização pré-histórica.



Figura 6 – Fragmento de báculo recolhido na Anta 1 de Vale de Moura.

A placa mais completa apresenta uma organização decorativa do corpo clássica em linhas zigzagueantes, neste caso compartimentadas por linhas guia verticais. Apresenta como atributos menos comuns a ausência de perfuração de suspensão e o topo da “cabeça” decorado com uma espécie de franja. Este último atributo encontra paralelos próximos numa placa da Anta Grande do Zambujeiro e outra do *tholos* do Escoural, onde as “franjas” são representadas por apenas duas faixas verticais (Gonçalves, 2004, Fig. 4, 5), enquanto na peça de Vale de Moura são pelo menos três.

Já a placa de xisto de cabeça recortada enquadra-se morfologicamente na categoria 1 da classificação estabelecida pelos Leisner (Leisner, Leisner, 1951) ou no tipo A1 da tipologia elaborada por Bueno Ramírez (1992), correspondendo a placas de corpo subrectangular, com cabeça trapezoidal recortada e ombros pontiagudos, o que lhe confere um antropomorfismo mais acentuado, o qual é reforçado pelos atributos decorativos da cabeça, com a representação dos olhos e do nariz/bico. Os olhos circulares completamente preenchidos por recticulado não são comuns. Mais frequentes são olhos representados por duplo círculo concêntrico (com espaço intermédio preenchido ou não) ou círculo com ponto central (figuração da iris e da pupila) e que podem ou não apresentar-se raiados. Já a presença do nariz/bico, representado através de um triângulo invertido, é conhecida em outras peças de marcado antropomorfismo, de

que são exemplo algumas das placas recolhidas na Anta da Horta (Oliveira, 2006).

Quanto à presença de um báculo na Anta 1 de Vale de Moura, esta insere-se na concentração deste tipo de peças em monumentos megalíticos do Alentejo Central, mais concretamente da região de Évora / Montermo-o-Novo, assim como no núcleo de Reguengos de Monsaraz (Cardoso, 2021: fig.5), onde encontra vários paralelos relativamente à sua organização decorativa: casos de peças da Anta Grande da Comenda da Igreja, Brissos 6, Anta 1 do Olival da Pega ou Cebolinho 1 (*Idem*: Fig. 6). De acordo com a recente proposta de tipificação com base nas organizações decorativas apresentada por J.L. Cardoso (2021), esta peça pertenceria ao Grupo 2, somando-se ao inventário de 43 peças desta natureza em território português apresentado nesse trabalho.

Referências Bibliográficas

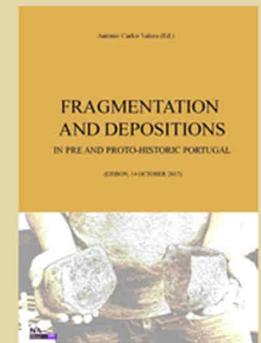
- CARDOSO, J.L. (2021) – Os “báculos” das sociedades agropastoris do Sul do território português (último quartel do 4º milénio/inícios do 3º milénio a.C.). P. Bueno Ramirez; J. Soler Díaz (eds.), *Ídolos. Olhares Milenares. O estado da arte em Portugal*. Lisboa. Imprensa Nacional: 171-199.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1992) - Les plaques décorées alentajaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. 96(2-3):499-572.
- CARDOSO, J.L. (1995) - Os ídolos falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5: 213-232.
- GONÇALVES, V.S. (2004) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e.. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(1): 165-183.
- LEISNER, G. (1949) – *Antas dos arredores de Évora*. Edições Nazareth.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz: materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*. Lisboa. Instituto de Alta Cultura. [Reimpresso] 1985. Lisboa. INIC-UNIARCH.
- OLIVEIRA, L. (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agro-pastoris*. Lisboa. Edições Colibri.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2022)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

